

# NEWS

# LETTER

## DEZEMBRO

- Mulheres agroextrativistas na ciência: integração de saberes na Amazônia
- O Fórum do Território do Médio Juruá reúne associações de base e organizações parceiras para discutir ações relevantes para o território
- Legado de Chico Mendes inspira reunião de comunidades extrativistas em Brasília

GÊNERO,  
TRABALHO E  
AS CADEIAS PRODUTIVAS  
NO MÉDIO JURUÁ

DOAR



— INSTITUTO —  
**JURUÁ**  
POVOS, RIOS E FLORESTAS

SOLUÇÕES COLABORATIVAS  
PARA A CONSERVAÇÃO  
DA AMAZÔNIA

# Mulheres agroextrativistas na ciência: integração de saberes na Amazônia

*Representantes da Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá participam de congressos científicos no Rio de Janeiro e em Santa Marta, Colômbia.*

Por Nathalia Messina e Camila Duarte Ritter

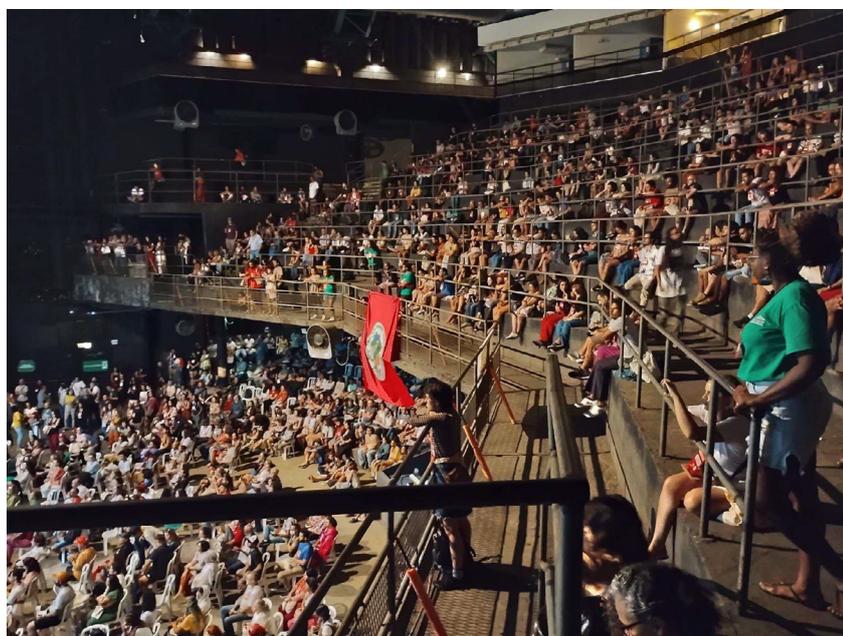
O Instituto Juruá trilha um caminho especial, unindo saberes tradicionais com os saberes da ciência. Um grupo de pesquisa focado em Gênero e Cadeias de Valor da Socio-biodiversidade, registrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) como uma linha de investigação da Socioecologia Amazônica, é uma das iniciativas que promove essa integração.

O grupo vem se reunindo desde as atividades do Diagnóstico de Gênero e Juventude no Médio Juruá, realizado em 2022 por demanda da ASMAMJ - Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá.

Dos produtos científicos às devolutivas nas comunidades e entre as instituições, sentiu-se a necessidade de consolidar um grupo mais forte e diversificado, que pudesse contar com agentes sociais de diferentes territórios amazônicos, constituído por mulheres pesquisadoras, técnicas e agroextrativistas. O grupo tem o foco de discussões relacionadas à participação das mulheres nas economias da floresta e também a produção científica dos dados gerados.

Assim, no mês de novembro deste ano, tivemos a oportunidade de ampliar o protagonismo das mulheres das populações tradicionais no universo da pesquisa científica, com a participação ativa delas em dois congressos científicos da América Latina: o Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), que aconteceu em sua 12ª edição no Rio de Janeiro, entre 20 e 23 de novembro; e o Ciclo de Diálogo de Saberes sobre o Manejo Participativo da Pesca na Amazônia no CIM-FAUNA na cidade de Santa Marta, Colômbia, entre 19 e 24 de novembro.

## XII Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)



Participantes do CBA lotam a Fundação Progresso e os arredores na capital carioca.  
Foto: Rinaldo Sena Fernandes.

O [12º Congresso Brasileiro de Agroecologia](#), realizado pela ABA - Associação Brasileira de Agroecologia - e diversos parceiros, no sítio histórico da Lapa, Rio de Janeiro, contou com um público de “mais de 10 mil pessoas (..), entre 5,5 mil inscritas e o público das atividades abertas. Teve agroecologia em praças, centros culturais e universidades públicas.”, conforme relata a própria [ABA](#), [em suas redes sociais](#).

A presidenta da ASMAMJ, Rosângela Cunha, esteve presente, juntamente com a analista socioambiental do Instituto Juruá, Nathália Messina, e a analista socioambiental do Memorial Chico Mendes, Jessica Pereira, em caravana apoiada pelo SEBRAE Amazonas com 26 participantes da [Rede Maniva de Agroecologia \(REMA\)](#). Também colaboraram com a comitiva das mulheres do Médio Juruá: o Instituto Juruá e o [Serviço Florestal dos Estados Unidos](#).



Caravana da Rede Maniva de Agroecologia no aeroporto de Manaus e nos arcos da Lapa, RJ, para a abertura do congresso. Foto: autoria desconhecida.

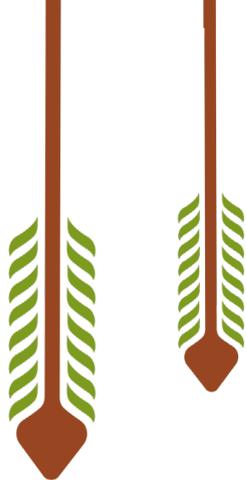


As mulheres agroextrativistas apresentaram dois trabalhos a partir dos resumos expandidos submetidos, sendo Rosângela Cunha a primeira autora de ambos os artigos e, as co-autoras, as demais integrantes do grupo de pesquisa mencionado anteriormente. No eixo temático “[Gênero, Feminismos e Diversidade](#)”, a apresentação trouxe um estudo de caso sobre as mulheres do Território Médio Juruá nas principais cadeias da sociobiodiversidade desenvolvidas em Carauari, Amazonas. O segundo trabalho, no eixo “[Juventudes e Agroecologia](#)” abordou o legado agroextrativista na Amazônia, analisando potencialidades e desafios para a inserção da juventude nas cadeias de valor da sociobiodiversidade.

Além disso, outras duas importantes contribuições foram apresentadas no Tapiris de Saberes do CBA. Um [relato técnico sobre a certificação orgânica do pirarucu](#) - uma iniciativa conjunta do Coletivo do Pirarucu e da Rede Maniva de Agroecologia (REMA) - e a [experiência da Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá \(AMAB\) no manejo do pirarucu](#), trazida pela presidente da AMAB, Fernanda Moraes, com um olhar sobre o papel das mulheres na cadeia produtiva.



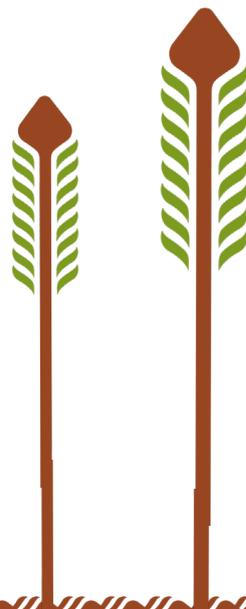
Apresentações de trabalhos no Tapiris de Saberes do CBA. Foto: autoria desconhecida.



Em paralelo às apresentações científicas, a ASMAMJ também marcou presença na Feira Nacional Saberes e Sabores e Economia Solidária, durante o CBA. Nesse espaço, as mulheres comercializaram óleos de andiroba, compartilhando as bancas com o pirarucu de manejo da ASPROC - Associação dos Produtores Rurais de Carauari - e Gosto da Amazônia e outros integrantes da REMA e da OPAC Maniva (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica), ampliando as oportunidades de visibilidade e reconhecimento das comunidades amazônidas.



Banca da REMA na Feira Nacional Saberes, Sabores e Economia Solidária, compartilhada com diversas produtoras(es) agroecológicas do Amazonas.  
Foto: Priscila Steffen.





Rosângela Cunha, presidente da ASMAMJ no Congresso Brasileiro de Agroecologia.  
Foto: Priscila Steffan

A presidente da ASMAMJ, jovem, mulher, ribeirinha, moradora da comunidade São Raimundo da RESEX Médio Juruá, Rosângela Cunha, enfatiza a importância desses eventos como espaços para troca de experiências, visibilidade, reconhecimento; e destaca a luta das mulheres e dos jovens:

“ A participação da juventude é fundamental para construir um futuro promissor. Os jovens trazem consigo ideias inovadoras, energia e vontade de fazer a diferença. Ao se envolverem ativamente na política, na sociedade e nas questões ambientais, eles podem influenciar decisões importantes e buscar soluções para os desafios que enfrentamos.” (...) O futuro é FEMININO. (...) À medida que as vozes das mulheres são ouvidas e suas contribuições são reconhecidas, estamos caminhando para um futuro onde a igualdade de gênero é uma realidade. O mundo verdadeiramente brilha com o poder feminino.”

## Ciclo de Diálogo de Saberes sobre o Manejo Participativo da Pesca na Amazônia no CIMFAUNA

**N**a mesma semana de novembro, enquanto o CBA acontecia no Rio de Janeiro, a ASMAMJ e o Instituto Juruá também marcaram presença no Congresso Internacional de Manejo de Fauna Silvestre da Amazônia e América Latina (CIMFAUNA), à convite da [WCS Brasil](#) (Wildlife Conservation Society) em Santa Marta, Colômbia.

Representadas por Evaneide Costa (Preta) e Irlene Figueiredo (Moça), a ASMAMJ participou ativamente do primeiro encontro do Ciclo de Diálogo de Saberes sobre o Manejo Participativo da Pesca na Amazônia, compartilhando experiências com representantes de diversas organizações e comunidades. A participação da ASMAMJ con-

tou com o apoio técnico de Camila Duarte Ritter, pesquisadora do Instituto Juruá. Esta iniciativa foi realizada pela [Aliança Águas Amazônicas](#) e WCS, no âmbito do CIMFAUNA XV, que, por sua vez, é organizado pela [Comunidade de Manejo de Fauna Silvestre na América Latina](#).

O evento esteve vinculado ao Eixo Temático do Congresso intitulado “Experiências de comunidades locais no manejo da fauna silvestre”, abrangendo tópicos como sistemas culturais e cosmovisões, monitoramento comunitário, uso sustentável, bem-estar humano e propostas de manejo comunitário.

Esse primeiro encontro do Ciclo de Diálogo de Saberes baseou-se nas experiências da

[Rede Ciência Cidadã para a Amazônia](#) entre 2017 e 2020. Participaram do encontro 19 pessoas, representando 13 organizações, incluindo representantes de cinco grupos de manejo das sub-bacias do Amazonas (Peru), Napo e Putumayo-Içá (Equador), Juruá, Madeira, Purus e Médio e Baixo Amazonas (Brasil). Destacaram-se representantes dos povos indígenas da nacionalidade Kichwa (Equador), do povo das águas Paumari (Amazonas, Brasil) e do povo Yagua (Peru), assim como representantes de povos extrativistas e ribeirinhos, e 12 profissionais de organizações da sociedade civil. Ao todo, 11 mulheres e 8 homens estiveram presentes no evento.

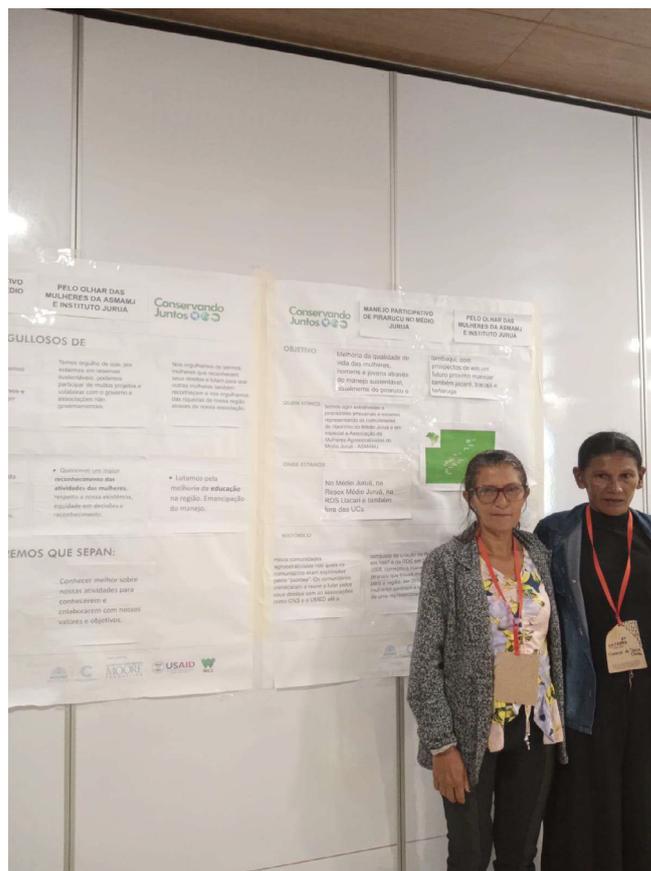


Participantes do Diálogo de saberes: Manejo participativo da pesca na Amazônia, realizado em Santa Marta, Colômbia. Foto: Divulgação.

O encontro buscou o compartilhamento de experiências, desafios e bons exemplos entre manejadores e manejadoras das diferentes sub-bacias. Temas em comum, como manejo pesqueiro, conservação, políticas públicas, gênero e mudanças climáticas foram debatidos pelo grupo e apresentados no CIMFAUNA XV em dois momentos distintos.

Por parte da ASMAMJ, Evaneide e Irlene apresentaram as suas realidades, a organização social e a luta das mulheres no Médio Juruá para o reconhecimento de seus trabalhos.

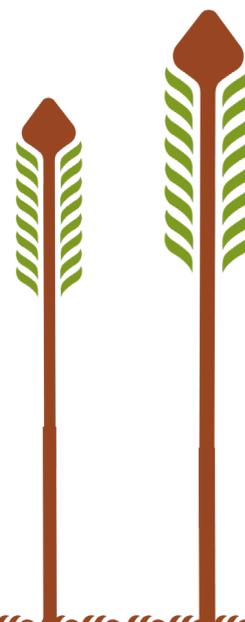
Além disso, Irlene apresentou o tópico de gênero no manejo pesqueiro e Evaneide o tópico sobre Mudança Climáticas e seus impactos no interior da Amazônia.



Irlene Figueiredo (à esquerda) e Evaneide Costa (à direita) apresentam o manejo no Médio Juruá e a luta das mulheres no território. Foto: Camila Duarte Ritter.



Atividade sobre a participação de homens, mulheres, jovens, crianças e idosos nas diferentes etapas do manejo por sub-bacia. Foto: Camila Duarte Ritter.



“Me senti muito feliz, pois vi que, apesar da distância, todos falavam da mesma coisa, e que as pessoas de muitos lugares tinham interesse no que nós fazemos em nossa região.” (Evaneide)

Ambos os congressos reforçam o compromisso do Instituto Juruá em promover a diversidade de saberes e valorizar as comunidades ribeirinhas e indígenas, enquanto mobilizadoras de uma ciência que busca soluções práticas, propositivas, a partir de um olhar de dentro para fora. Isso reforça o que diz o texto da Carta Carioca (documento político lido no encerramento do CBA), a "expressão da ciência do povo" deve ser fortalecida como uma ciência engajada, capaz de transformar estruturas opressoras e geradoras de mazelas na sociedade.



Irlene Figueiredo apresenta a discussão sobre gênero e representação feminina no manejo do pirarucu, que acontece na região do Médio Juruá. Foto: Camila Duarte Ritter.



Evaneide Costa fala sobre Mudanças Climáticas e seus impactos para manejadores e manejadoras do Médio Juruá. Foto: Camila Duarte Ritter.

# O Fórum do Território do Médio Juruá reúne associações de base e organizações parceiras para discutir ações relevantes para o território

*O evento é uma das principais instâncias de deliberação coletiva do Médio Juruá*

Por **Maria Phamela Barbosa, Milena Azevedo e Almira Silva**

A 34ª reunião do Fórum Território Médio Juruá (FTMJ) aconteceu nos dias 16 e 17 de novembro, na sede da Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC) em Carauari, AM. O evento reuniu representantes de todas as organizações locais que compõem o Fórum Território Médio Juruá, além de parceiros institucionais que atuam na região, sendo um dos principais espaços de comunicação, compartilhamento de informações e deliberação coletiva entre as associa-

ções de base comunitária e organizações que atuam no território Médio Juruá. Durante o fórum, acontece a apresentação de resultados, propostas e encaminhamentos de governança para o território. As associações de base apresentaram seus projetos em andamento, os quais foram debatidos, e as principais demandas foram levantadas pelo coletivo e determinado os encaminhamentos necessários.



Participantes da A 34ª reunião do Fórum Território Médio Juruá (FTMJ).  
Foto: autoria desconhecida

No primeiro dia, o encontro começou com uma breve apresentação de todos os presentes, seguindo para socialização da pauta, informes, e por fim, um momento para que cada organização compartilhasse suas ações planejadas, projetos e cronogramas.

O evento contou com a participação de algumas das associações de base que compõem o FTMJ: Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC), Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODA-EMJ), Associação dos Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Uacari (AMARU), Associação do Povo Deni do Rio Xerua (ASPODEX), Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá (AMAB), Associação Ambiental, Extrativistas, Pescadores e Pro-

dutores Rurais de Itamarati (AAEPPRI), Associação dos Produtores Agroextrativistas da Comunidade Nova Esperança (AANE), Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ), Associação dos Moradores Extrativistas da Comunidade São Raimundo (AMECSARA), Fundo de Repartição de Benefício - FRBMJ e liderança da aldeia matatiben. Dentre as instituições parceiras estavam presente Instituto de Educação do Brasil (IEB), Natura Cosméticos, ICMBio, Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), o Memorial Chico Mendes (MCM), Sitawi, Fundação Amazônia Sustentável (FAS), Operação Amazônia Nativa - OPAN, Fundo Médio Juruá, Instituto Juruá, Universidade Estadual do Amazonas, Instituto Fronteiras, Conexsus e IABS.



Participantes da A 34ª reunião do Fórum Território Médio Juruá (FTMJ). Foto: Phamela Barbosa.

**A**pós o intervalo entre os turnos, quem abriu o segundo turno foi a FAS, Fundação Amazônia Sustentável, trazendo a proposta “Conexão povos da Floresta” e o Projeto de Educação dos Núcleos. Em seguida, a palavra foi da professora Lucinete Gadelha (UEA), trazendo atualizações sobre o curso de Pedagogia do Campo. A Natura também apresentou suas ações no território. Dione Torquato e Francisco Flávio

Ferreira do Carmo (CNS) explanaram brevemente sobre o potencial do carbono e o edital do Governo Estadual em Unidades de Conservação.

O Instituto Juruá, nas pessoas de Phamela Barbosa e Janaína Costa também atualizaram os parceiros sobre suas últimas ações em parceria com as organizações de base comunitária, e sobre o projeto da cadeia produtiva das oleaginosas. Fechando o primeiro dia, Ronayana Silva (Sitawi), apresentou o projeto

de pesquisa que estão aplicando no território sobre o manejo do pirarucu e seus impactos sócio e bioeconômicos.

Durante os dois dias de fórum, o Instituto Juruá circulou um questionário entre as organizações de base parceiras, para a avaliação das nossas ações e de diagnóstico de demandas locais para o próximo ano, a fim de nos planejarmos para melhorar o impacto das parcerias.

# Legado de Chico Mendes inspira reunião de comunidades extrativistas em Brasília

*Congresso Nacional das Populações Extrativistas promove debates entre comunidades tradicionais de todo o Brasil em defesa da floresta e do clima*

Por **Maria Cunha**

**C**hico Mendes foi um líder sindical e ativista ambiental brasileiro que dedicou sua vida à defesa dos direitos das populações extrativistas e à preservação dos diversos biomas do Brasil. Seu legado é reconhecido como um marco na luta pela justiça social e ambiental.

Nascido em uma família de seringueiros no estado do Acre, Chico Mendes conheceu desde cedo as dificuldades enfrentadas pelas comunidades extrativistas. Ele testemunhou a exploração predatória dos recursos naturais, o avanço do desmatamento e a ameaça à cultura e ao modo de vida dessas

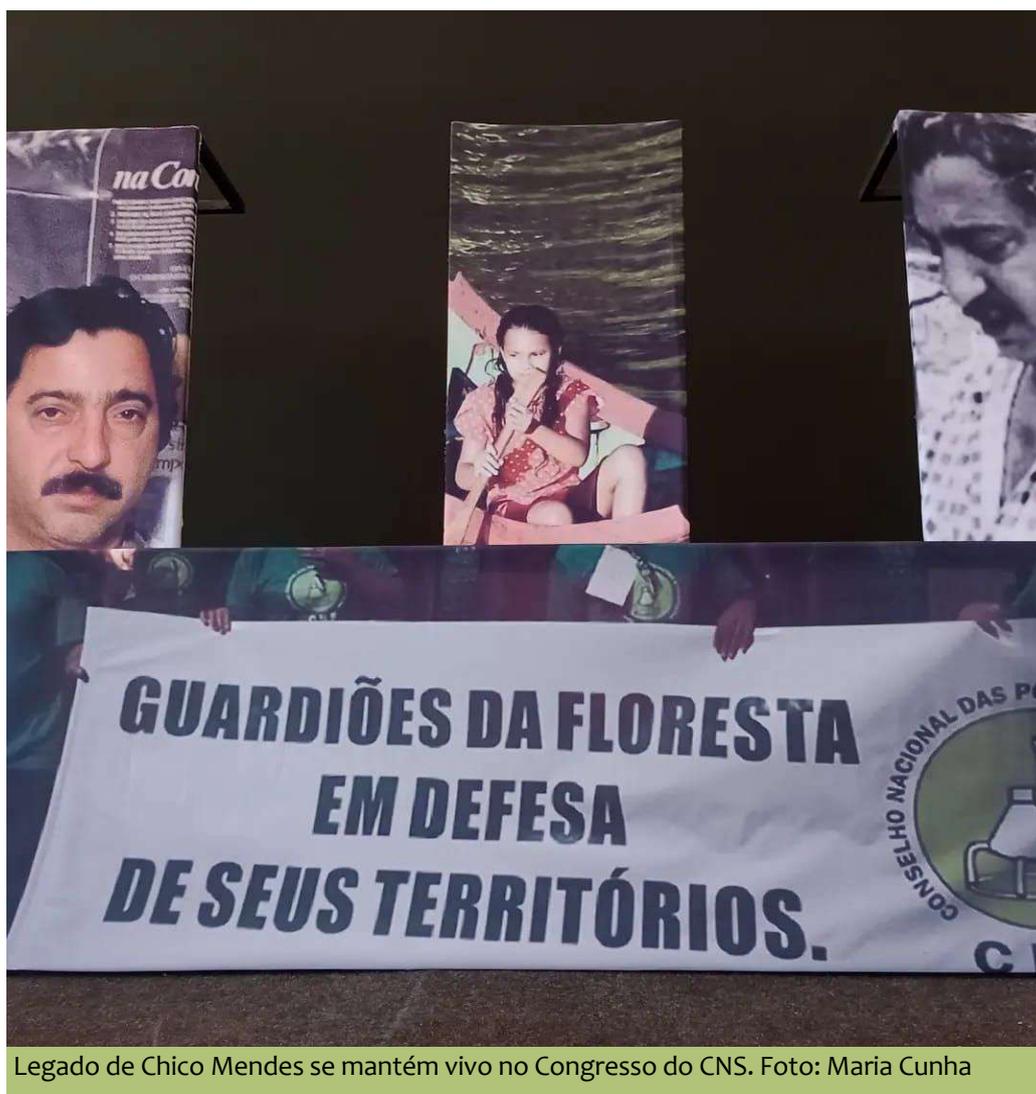
comunidades. Chico Mendes se destacou como líder sindical, fundando o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e posteriormente a Central Única dos Trabalhadores no Acre. Ele defendia a organização coletiva dos seringueiros e lutava por melhores condições de trabalho, acesso à terra e valorização dos produtos extrativistas.

No entanto, Chico Mendes foi além da luta sindical e se tornou um defensor incansável do meio ambiente. Ele percebeu que a preservação dos biomas, como a Amazônia, era fundamental para a sobrevivência das comunidades extrativistas e para a saúde do planeta como um todo.

Chico Mendes foi pioneiro na proposta de conciliar a proteção ambiental com a atividade extrativista sustentável. Ele defendia a criação de reservas extrativistas, áreas onde as comunidades tradicionais poderiam continuar suas práticas de manejo dos recursos naturais de forma sustentável, garantindo sua subsistência e a preservação da biodiversidade. Sua luta ganhou notoriedade internacional, mas também gerou inimigos poderosos. Infelizmente, Chico Mendes pagou com sua vida por sua coragem e determinação. Ele foi assassinado em 1988, deixando um legado de inspiração e comprometimento com a causa das populações extrativistas e da preservação ambiental.

O legado de Chico Mendes é imenso. Sua luta e sacrifício trouxeram visibilidade para as comunidades extrativistas e para a importância da conservação dos biomas brasileiros. Seu trabalho inspirou inúmeras pessoas e organizações a continuarem a batalha pela justiça social e ambiental.

É importante lembrar e valorizar o legado de Chico Mendes e continuar sua luta, garantindo que as populações extrativistas tenham seus direitos. O conselho nacional das populações Extrativistas (CNS) é uma organização que colabora com a luta das comunidades tradicionais e que ajuda a manter o legado de Chico Mendes vivo em cada território, dentro de cada Bioma.





Participantes durante o Congresso Nacional das Populações Extrativistas. Foto: Divulgação CNS

Incentivando também a participação feminina e juvenil para está atuante dentro dos movimentos e abraçando a luta de suas comunidades e territórios, Um protagonismo que visa trazer maior representatividade na luta por seus direitos e conquistas territoriais.

O Congresso Nacional das Populações Extrativistas, realizado em Brasília entre os dias 13 a 17 de novembro, foi um evento de grande importância para discutir e promover os direitos e interesses das comunidades extrativistas no Brasil, pensando também nesse contexto de defesa da floresta e do Clima.

As populações extrativistas são grupos tradicionais que dependem da exploração sustentável dos recursos naturais para sua subsistência, como a pesca, a coleta de frutos e plantas medicinais, a extração de óleos, entre outras atividades. Essas comunidades possuem um profundo conhecimento sobre a biodiversidade local e desempenham um papel fundamental na preservação do meio ambiente.

A mudança climática tem afetado o desenvolvimento dos territórios, mudando totalmente a rotina de quem vive e trabalha na floresta e nas águas. Entender qual o papel dos territórios nesse contexto e de que forma podem estar colaborando nessa agenda importante sobre as mudanças climáticas trouxe reflexões importantes a serem discutidas pelas populações extrativistas.

O congresso reuniu representantes de diversas comunidades extrativistas, além de autoridades governamentais, especialistas e organizações não governamentais. O objetivo principal do evento foi promover a troca de experiências, fortalecer a organização dessas comunidades,

e discutir políticas públicas que garantam seus direitos e melhorem suas condições de vida.

Durante o congresso, foram realizadas diversas palestras, mesas e debates, sobre temáticas como o papel dos territórios de uso sustentável no combate a crise climática, a consolidação dos territórios de uso sustentável, regularização fundiária e infraestrutura para as reservas extrativistas, assim como foram discutidas gestão socioprodutivas e linhas de sustentabilidade juntamente com linhas de financiamento para a economia da sociobiodiversidade, gestão e organização social dos territórios.

O Seminário Nacional Mu-

lheres e Justiça Climática, promovido pelo Ministério das Mulheres, em parceria com o Conselho Nacional das Populações Extrativistas e parceiros, reuniu mulheres de todos os biomas. Um momento de trocas e diálogo importantes, construindo diretrizes para elaboração de propostas que efetivem maior participação feminina no contexto das agendas climáticas. Levando em consideração que as mulheres são as pessoas mais afetadas com essas mudanças, o seminário trouxe também um panorama de como as mulheres se veem e lutam dentro dos seus territórios, por oportunidade, reconhecimento, e valorização.



Mesa durante o Seminário Nacional Mulheres e Justiça Climática. Foto: Maria Cunha

A partir das trocas de conversas, foi notório o quanto as realidades territoriais se coincidem e quanto a luta das mulheres é parte de tradições e lutas cotidianas. Mas que o empoderamento social tem moldado um outro viés de conhecimento e força, e as mulheres estão cada vez atentas e dispostas a escrever novas histórias em que elas sejam as protagonistas principais. O seminário levou a criação de um manifesto produzido com as demandas de cada território apresentado pelas mulheres em grupos de trabalhos, representando os diversos biomas do Brasil.

No congresso, uma também discussão importante, girou em torno da importância do reconhecimento e da valorização do conhecimento tradicional dessas comunidades. Muitas vezes, esse conhecimento é subestimado ou ignorado, mas é fundamental para a preservação ambiental e para o desenvolvimento sustentável. E também no contexto da agenda climática. Um viés que necessariamente precisa ser levado em consideração de acordo com a visão de quem mora e vive dentro dos seus territórios, dentro de cada bioma brasileiro.

O congresso também serviu como um espaço para que as comunidades extrativistas pudessem expressar suas demandas e reivindicações. Entre as principais reivindicações estão o acesso a políticas públicas específicas, como programas de crédito, assistência técnica e capacitação, além de maior participação nas decisões que afetam suas vidas e territórios.



Representantes do Médio Juruá no Congresso Nacional das Populações Extrativistas. Foto: autoria desconhecida.

Ao final do evento, foram elaboradas propostas e recomendações que serão encaminhadas aos órgãos governamentais responsáveis pela formulação de políticas voltadas para as populações extrativistas.

O Congresso Nacional das Populações Extrativistas foi uma oportunidade única para fortalecer a luta dessas comunidades, ampliar sua visibilidade e garantir que suas vozes sejam ouvidas. Espera-se que as discussões e debates realizados durante o evento contribuam para a implementação de políticas mais justas e sustentáveis para essas populações, preservando assim a riqueza natural e cultural do país.

Nesse congresso, o Conselho Nacional das Populações Extrativistas contou também com a eleição de sua nova diretoria, com representantes de mulheres, jovens e extrativistas no contexto geral, um grupo de líderes que carrega o legado maior de representar as populações tradicionais nas lutas pelos seus direitos e reconhecimentos nos seus territórios e fora deles.



Nova diretoria eleita do Conselho Nacional das Populações Extrativistas. Foto: Divulgação CNS

Hoje, o reconhecimento dos direitos das populações extrativistas e a proteção dos biomas são pautas centrais nas políticas públicas e no ativismo ambiental. O exemplo de Chico Mendes continua a inspirar ações e movimentos em defesa da Amazônia, do Cerrado, da Mata Atlântica e de tantos outros biomas, bem como das comunidades tradicionais que dependem desses ecossistemas para sua sobrevivência.



## AGRADECEMOS A SUA COMPANHIA NESTE ANO!

À medida que nos despedimos deste ano, queremos expressar nossa profunda gratidão a todos que acompanharam e apoiaram nossas ações em prol da conservação da Amazônia.

Cada um de vocês, seja por doações, voluntariado ou simplesmente pelo compartilhamento de nossa missão, desempenhou um papel fundamental em nossas conquistas ao longo de 2023.

Agradecemos também às associações parceiras que protagonizam as atividades de conservação que apoiamos. Juntos, formamos uma rede comprometida em preservar a floresta e o clima. Enquanto celebramos as realizações deste ano, olhamos com esperança para o futuro e continuamos a contar com seu apoio.

Desejamos a todos um feriado cheio de gratidão e harmonia. Obrigado por fazerem parte da jornada do Instituto Juruá.

# INDICA

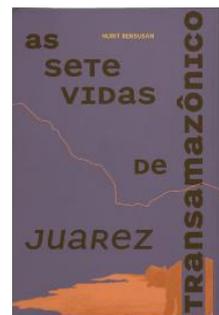
1.

[Os Gigantes dos Rios](#), segunda temporada do nosso podcast Vozes do Juruá, já está disponível na íntegra em todas as plataformas de áudio e no [youtube](#).



2.

[As Sete Vidas de Juarez Transamazônico](#), novo livro de Nurit Bensusan, que traça sete histórias possíveis para a vida de uma criança que cresceu às margens da Transamazônica.



3.

[Por um mundo mais-que-humane](#), artigo de Eliane Brum e César Rodríguez-Garavito para Sumauma.

MAIS-QUE-HUMANES

**Por um mundo mais-que-humane**

SUMAUMA e New York University School of Law se unem para colocar no centro direitos e perspectivas de pessoas-animais, pessoas-plantas e pessoas-fungos



INSTITUTOJURUA.ORG.BR





**Equipe de comunicação do Instituto Juruá**

Clara Machado, Andressa Scabin, Nathalia Messina, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter, Phamela Barbosa e Raphael Chicayban

**Equipe de tradução do Instituto Juruá**

Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

**Diagramação**

Mariana Bastos